

LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA NA FORMAÇÃO DOS EDUCANDOS

Suzana Ventura de Lima

Rosicler Tatiana da Costa

Nasser Hasan Mahmoud Mohamad

Área do Conhecimento: Ciências Humanas.

Palavras-chaves: Preconceitos; Ideologias; Educação; Formação dos Professores.

INTRODUÇÃO

A lei 10.639, promulgada em 2003, estabelecia a obrigatoriedade das escolas brasileiras, tanto as públicas quanto as privadas, trabalharem aspectos das culturas afro-brasileiras e africanas. Essa obrigatoriedade se voltava, entre outras áreas do conhecimento, para o ensino de História. Uma lei dessa natureza é um indício das dificuldades que tais culturas enfrentaram para conquistar legitimidade em nossas escolas. Como seria desnecessário lembrar, tais instituições existem para atender a uma população originária de uma multiplicidade cultural, fruto de forte miscigenação étnica e sincretismo religioso. A lei veio, assim, para tornar as escolas mais inclusivas, sobretudo e, relação às populações de origem africana, que já sofreram uma série de injustiças, inclusive dentro do espaço escolar. Recentemente, a legislação foi alterada de forma a propiciar o ensino da história e da cultura dos povos indígenas. Tal alteração foi feita pela lei 11.465, de 10 de março de 2008.

Dentro do espaço escolar, pode-se colaborar para que preconceitos se desenvolvam de forma consciente ou inconsciente, pois a escola, como reprodutora dos valores da sociedade na qual está inserida, tem ação política e transmite esses valores, através da prática de professores que não se atentam para isso. Assim, os preconceitos que estão disseminados na sociedade podem se reproduzir e muitos deles no próprio livro didático.

As discussões sobre diferenças étnico-raciais são antigas, necessárias e muito importantes para a formação de uma educação digna, que evite estereótipos. As primeiras pesquisas em relação a livros didáticos parecem ser da década de 1950. Segundo Silva,

O primeiro desses trabalhos analisou seis livros didáticos, investigando o ideal de

realidade que os autores pretendiam inculcar nos seus leitores. Nesses livros, Esmeralda V. Negrão identificou a representação do negro em situação inferior à do branco, personagens negros tratados com desprezo, bem como a representação da raça branca como sendo a mais bela e inteligente (Silva, 2004:25).

Assim, relacionamos esses resultados com o que nos diz Bonnewitz, citando Bourdieu:

A seleção das disciplinas ensinadas, assim como a escolha dos conteúdos disciplinares é o produto de relações de força entre grupos sociais. A cultura escolar não é uma cultura neutra, mas uma cultura de classe. (Bonnewitz, 2003).

Faz-se necessário, portanto, que a escola discuta entre seus sujeitos as interligações de saberes que ocorrem em seu interior, pois somos marcados pela multiplicidade de determinações históricas, políticas, sociais e psicológicas. Em nossa sociedade, a prática docente tem sido aprisionada: de um lado por uma pedagogia da carência, da cópia, da repetição, que nos submete a continuarmos a ser disciplinados e controláveis; de outro, pela motivação de tentar transformar esta sociedade, a começar pela sala de aula, mas movidos por um ativismo difuso. Consideramos que tais extremos possam se anular, gerando uma insatisfação com nossas práticas, nossos alunos, colegas e com a própria sociedade. Uma saída possível para uma ação eficiente seria refletir sobre as formas como preconceitos e ideologias circulam pela escola. Na presente pesquisa de iniciação científica, abordamos a questão do livro didático, instrumento que muitos professores seguem à risca, sem

Estudante do curso de Pedagogia; suzana.ventura@uol.com.br

Estudante do curso de Pedagogia; rosicler@ymail.com

Professor da Universidade Bandeirante de São Paulo; nasserh@globo.com

perceber as influências que este pode acarretar nos seus alunos, principalmente quando se trata das questões étnico-raciais. Transformar essa realidade poder ser uma mudança relevante.

Considerando importantíssimo o movimento histórico das leis 10.639/03 e 11.465/08 é que ao longo de 2008 analisou-se um volume da coleção *Interagindo com a História*, de Sourient, Rudek e Carvalho, destinado à 2ª série do Ensino Fundamental, publicada pela Editora do Brasil em 2006.

OBJETIVOS

O presente trabalho tem por objetivo analisar a maneira pela qual a diversidade humana é representada no livro didático de História supracitado e como as diferentes culturas vem sendo abordadas no contexto escolar através desse material. Para isso, foram analisados os textos e as ilustrações que apresentam os diferentes grupos étnicos, as questões das relações humanas identificando-se a existência da presença de formas discriminatórias relacionadas à etnia e das relações sociais construídas pelos autores e ilustradores dos livros didáticos e repassadas aos alunos-leitores.

METODOLOGIA

Análise do livro *Interagindo com a História*, destinado à 2ª série do Ensino Fundamental, com foco particularmente no texto escrito, nos exercícios e nas imagens utilizadas para ilustrá-lo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar o volume selecionado, pude tecer uma reflexão sobre a forma como os segmentos de nossa população são “retratados” e se tais elaborações contribuem, de alguma forma, para minimizar o preconceito que existe contra eles.

Verifiquei que o livro pouco retrata a participação dos grupos de origem africana ao longo da história do Brasil e, além disso, quando o faz, apenas cita a escravidão no Brasil sem mencionar os fatores que levaram à opção de escravizarem-se africanos nestas terras.

A obra dá uma ênfase maior à questão dos povos indígenas, citando tribos diferentes e seus costumes, os povos que aqui existiam quando os portugueses chegaram, para, ao final do volume, citar a situação dos índios brasileiros atualmente e como se organizam.

Ao debruçarmos um olhar mais atento às ilustrações, percebemos que algumas não correspondem ao texto assim como alguns textos complementares que aparecem no livro didático contam histórias de maneira

muito distante do texto ao qual se vinculam. Assim, fica claro que os cursos de formação de professores devem formar os futuros docentes para uma leitura crítica dessa relação entre os elementos que compõem os textos didáticos.

CONCLUSÕES

O livro didático, de modo geral, omite a riqueza do processo histórico-cultural, o cotidiano e as experiências das populações indígenas e afro-descendentes, bem como dos grupos sociais menos favorecidos em geral, independentemente da etnia. Em relação aos grupos afro-descendentes, sua quase total ausência nos livros e a sua rara presença de forma estereotipada concorrem em grande parte para a desvalorização da sua identidade e para a pauperização de sua auto-estima, ou seja, significa que é possível constatar formas de discriminação ao negro, além da presença de estereótipos que correspondem a uma espécie de rótulo utilizado para qualificar, de maneira conveniente, grupos étnicos raciais estimulando preconceitos, produzindo assim influências negativas, baixa auto-estima às pessoas pertencentes ao grupo ao qual foram associadas tais características distorcidas.

Acredita-se que seja possível construir uma sociedade que atenuie os atos preconceituosos, uma vez que valorizando a *diferença* como um aspecto positivo à formação social do aluno, lembrando-se de que as diferenças são aspectos que somam para a difusão do conhecimento, essa postura pode ser muito bem desenvolvida na escola, através do manuseio de livros didáticos que tratem o tema aqui discutido com mais propriedade e criticidade. Dessa forma, aprender a fazer uso de uma prática educacional que valoriza a diversidade cultural e seja atenta a qualquer forma de discriminação, progredindo nas discussões a respeito das diferenças raciais, é o começo da formação de uma sociedade mais justa e menos preconceituosa que até então só existe no papel e se manifesta altamente discriminatória em livros didáticos brasileiros contemporâneos.

Assim, a análise de livros didáticos de História é fundamental, visto que é um instrumento presente em todas as escolas de nosso país. Apesar de parecer óbvio que esse tipo de livro deveria apresentar todos os homens como sendo importantes e, assim, que uma grande variedade de pessoas contribuíram para a história do nosso país. Exatamente por isso, nenhum grupo étnico deveria ser tratado com superioridade ou inferioridade. Como sabemos que o livro não circula por si mesmo, chegamos à questão da formação de professores diferentes, conscientes do seu papel na sala de aula para assim poder fazer um bom uso do livro didático, não repassando a ideologia das classes dominantes implícita nestes livros para as crianças da classe trabalhadora. Desse modo, a proposta deste trabalho de iniciação científica tenta promover ou

pelo menos diminuir o preconceito social, principalmente com os de descendência africana, etnia que é altamente discriminada.

Para que os alunos possam aprender a conviver com as diferenças e assim se tornarem pessoas mais tolerantes com o próximo, passando a respeitar as diferenças existentes em cada cultura, é necessário que os livros didáticos possam se adequar para retratar tais grupos étnicos de forma não preconceituosa e tão pouco como pessoas desfavorecidas. Cabe aos livros retratar a história da África e suas culturas visando a elevar a auto-estima do povo negro do Brasil. Ademais, é importante salientar que isso deve ser feito também com a população indígena para que os alunos possam perceber da onde surge o racismo, o que é o racismo e que essa prática lamentável não diz respeito somente à população negra, mas também atinge a população das classes desprivilegiadas. Importante frisar que ninguém nasce racista, pois o preconceito é um fator construído socialmente e exatamente por isso, deve ser trabalhado desde cedo nas escolas para assim, futuramente, formarmos pessoas que possam respeitar as diferenças existentes na sociedade.

Considera-se necessário fomentar a discussão coletiva sobre a escola como espaço, ao mesmo tempo, reprodutor das desigualdades e preconceitos sociais e no qual sujeitos buscam valorizar todo o processo histórico em que o aluno está inserido. Por isso mesmo, deve-se ter em mente que ensinar não é transmitir conhecimentos prontos dos livros didáticos e sim levar o aluno a refletir sobre as questões propostas naqueles livros e assim, construindo assim uma identidade própria de cada um, pois segundo Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia* “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIANCHETTI, Roberto G. *Modelo Neoliberal e Políticas Educacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.
- BONNEWITZ, Patrice. *Primeira Lições, sobre a Sociologia de Pierre Bourdieu*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo: Contexto, 2000.
- FARIA, A. L. G. *Ideologia no Livro Didático*. São Paulo: Cortez, 1985.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- SÃO PAULO (Município), SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. *Expectativas de Aprendizagem para a Educação Étnico-Racial na educação infantil, ensino fundamental e ensino médio*. São Paulo: SME/ DOT, 2008.
- SILVA, Ana Célia. *A discriminação do negro no livro didático*. Salvador: EDUFBA, 2004.